

A Construção do Currículo da disciplina Filosofia na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – Eseba/UFU
The Construction of the Philosophy curriculum at the Basic Education School of the Federal University of Uberlândia - Eseba / UFU

Luciana Xavier de Castro*
Kaique Aparecido Gonçalves e Silva**
Rones Aureliano de Sousa***

RESUMO: Este relato de experiência apresenta uma reflexão sistematizada acerca da inserção da disciplina de Filosofia desde o 1º ano do ensino fundamental por entender que esta é uma área do conhecimento essencial para a formação do pensamento crítico e reflexivo. Deste modo, auxilia o indivíduo no bem pensar para o reto agir. Diferencia a Filosofia de outros saberes e reflete sobre seu surgimento na Grécia Antiga até chegar à contemporaneidade, quando se tornou uma disciplina escolar. Aborda a situação da disciplina no período da Ditadura Militar e das leis que, ora retiram, ora inserem a disciplina no currículo da Educação Básica. Apresenta também que, assim como o filósofo norte-americano Matthew Lipman, criador do programa de Filosofia para Crianças, os autores deste relato trabalham em prol dessa disciplina e se preocuparam em desenvolver nas crianças, desde o primeiro ano do ensino fundamental, conhecimentos básicos do universo da Filosofia. Por não concordarmos plenamente com as ideias e práticas propostas por Lipman, este trabalho apresenta o percurso da criação do currículo de Filosofia para ser utilizado na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, M.G.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Currículo do Ensino Fundamental; Eseba.

ABSTRACT: This experience report presents a systematic reflection on the insertion of the Philosophy discipline since the 1st year of elementary school, as it understands that it is an area of essential knowledge for the formation of critical and reflective thinking. In this way it helps the individual to think well for the rectum to act. It differentiates Philosophy from other knowledge and reflects on its emergence in Ancient Greece until it reached contemporaneity, when it became a school discipline. It addresses the situation of the discipline in the period of the Military Dictatorship and the laws that, sometimes withdraw, sometimes insert the discipline in the curriculum of Basic Education. It also presents that, like the North American philosopher Matthew Lipman, creator of the Philosophy for Children program, the authors of this work have been concerned with introducing children since the first year of elementary education in the universe of Philosophy. As it does not fully agree with Lipman's ideas and practices, this work presents the path of the creation of the Philosophy curriculum to be used at the Basic Education School of the Federal University of Uberlândia, M.G.

KEYWORDS: Philosophy; Elementary School Curriculum; Eseba.

1 Introdução

* Docente de Filosofia-UFU, docente da Área de Filosofia da Eseba/UFU Escola de Educação Básica. E-mail: luciana.castro@ufu.br

** Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: kaique555666@gmail.com

*** Docente de Filosofia-UFU, docente da Área de Filosofia da Eseba/UFU Escola de Educação Básica. E-mail: rones@ufu.br

Filosofia ocidental surgiu na Grécia, aproximadamente em 595 a.C. como estudo das inquietações e problemas da existência humana, dos valores morais, estéticos, do conhecimento em suas diversas manifestações e conceitos, visando à verdade. Ela se distingue de outras vertentes do conhecimento, como a mitologia grega e a religião, visto que tenta, por meio do pensamento racional, explicar os fenômenos e questões humanas. Mas também não pode ser igualada em termo de métodos às ciências que têm a pesquisa empírica e experimentos práticos como fundamentos, uma vez que a Filosofia não se atém (não sendo descartada essa hipótese) a experimentos. Os métodos dos estudos filosóficos estão fundamentados na análise do pensamento, experiências práticas e da mente, na lógica e na análise conceitual de fatos e acontecimentos (DELEUZE & GUATTARI, 1992).

Na contemporaneidade brasileira, no período republicano, enquanto conteúdo escolar, a Filosofia na Educação Básica se fez presente nas escolas, desde o “Estado Novo”, na era Vargas (ARRUDA & ARANHA, 2008). Porém, no período da ditadura militar, muitas mudanças curriculares ocorreram nas escolas. Uma delas foi a retirada da disciplina Filosofia e Sociologia. A ditadura militar durou pouco mais de 20 anos, começou em 1964 e em 1985 chegou ao seu fim. A obrigatoriedade do ensino da filosofia em escolas públicas, no Ensino Médio, só voltou a existir em 2008, por meio da lei federal [lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008](#) que alterou o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio. Filosofia também é conteúdo do Ensino Fundamental em muitas escolas no país, todavia não é obrigatória sua inserção.

Existem inúmeras explicações para a retirada da Filosofia no referido período, mas a principal consiste no fato de que a Filosofia, por ser uma disciplina que contribui para compreensão crítica da realidade social, política e jurídica, assim como a emancipação do pensamento, se tornaria uma ameaça aos ideais totalitários do regime militar.

Os eixos principais deste trabalho são analisar o que Lipman chamou de “Comunidade de investigação” e analisar sua aplicabilidade em sala de aula atualmente, mostrando que é possível a implantação de tal comunidade com os materiais de apoio construídos pelo próprio professor. O trabalho também contou com um relato de experiência de um estagiário, sobre a diagramação e formatação deste material.

2 Alguns pressupostos

Atribui-se ao filósofo norte americano Matthew Lipman, a “inauguração” da *Filosofia para crianças*, mas há registros anteriores. O fato é que ele tentou fundamentar um currículo, material didático e metodologias acessíveis às crianças por meio daquilo que chamou “Comunidades de investigação”.

Por isso, a única esperança certa, segundo Lipman, está nas crianças. Porque se conseguirmos que elas pratiquem a filosofia em comunidades de investigação deliberativas, então haverá muito mais chances de que elas sejam pessoas razoáveis e democráticas e que, a partir dessa prática filosófica e democrática, elas lutem para que as instituições e práticas sociais sejam mais igualitárias e menos autoritárias. (KOHAN, 2008, p. 47)

Consideramos de fundamental importância a “Comunidade de investigação”, por inserir a criança do processo do pensar e agir, logo, no universo do filosofar. No entanto, não concordamos com Lipman quando o mesmo apresenta um currículo e o material didático pronto para que os professores utilizem.

Sabemos da relevância do ensino de filosofia para/com crianças, porém, não há parâmetros curriculares oficiais que apresentem diretrizes quanto ao currículo e metodologia a serem aplicados no Ensino Fundamental, diferentemente do Ensino Médio, que por ser obrigatório, possui diretrizes oficiais. Sendo assim, cabe a cada instituição, que insere essa matéria em seu currículo, definir currículo e metodologias.

Nesse contexto, a Escola de Educação Básica da Universidade federal de Uberlândia, que oferta Filosofia a seus alunos desde 2004, percebeu a complexidade da escolha do currículo, das metodologias e até da produção de materiais didáticos a serem utilizados nas aulas. Essa dificuldade a as diversas experimentações se estenderam até meados de 2014/2015, quando os professores da área se debruçaram num projeto de pesquisa para a construção e a oficialização de um currículo, além da produção de materiais didáticos.

A partir desse projeto, os professores da Área de Filosofia, submeteram e foram contemplados com uma bolsa do “Programa de bolsas de graduação da Universidade Federal de Uberlândia (PROGRAD/UFU)”, no edital do ano de 2015, com o intuito de conseguir um estagiário para auxiliar no desenvolvimento desse projeto e proporcionar aos mesmos a vivência da prática docente.

O objetivo principal, em parceria com os graduandos era: estabelecer os parâmetros curriculares do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental da ESEBA-UFU, produzir material didático para os alunos, que consistia, a princípio, na diagramação de uma coleção de apostilas; além de contribuir com o bolsista no que diz respeito à sua formação não apenas enquanto docente – tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio – mas também em relação à sua formação enquanto pesquisador.

3 Metodologia

Nossa metodologia de trabalho foi direcionada pela leitura da bibliografia fonte dos estudiosos a respeito do tema e baseada em nossa experiência com o ensino de Filosofia com crianças. Optamos por fazer uma reflexão, observação e avaliação da prática da “Comunidade de Investigação” (SHARP, 1995) aplicada à sala de aula nas aulas de Filosofia da Escola de Educação Básica da UFU.

4 Resultados

A seguir apresentarei o meu relato de experiência como estagiário e graduando em Filosofia participante do projeto. Iniciei minhas atividades, a priori, como bolsista em abril de 2015 e finalizei em junho deste mesmo ano, com o projeto, título: *Educação Básica e Profissional: “A construção do currículo de Filosofia do ensino fundamental, da ESEBA-UFU”* sob a orientação dos professores da Área de Filosofia. A princípio, o trabalho desenvolvido no decorrer do estágio foi o extenso processo de diagramação das nove apostilas, material didático produzido a partir de pesquisa e construção do currículo da disciplina Filosofia, dessa instituição.

Durante este período de três meses não foi possível concluir a diagramação de todo o material, devido à extensão de todo seu conteúdo – como se verifica, a qualidade e a dedicação dos professores responsáveis foi imprescindível e minuciosamente detalhada para se obter um rico conteúdo de ensino filosófico. Malgrado a impossibilidade de conclusão dos

trabalhos, acabei por adquirir uma nova perspectiva e uma melhor compreensão de como funciona uma escola de ensino básico como a Eseba/UFU¹.

Esta breve experiência como estagiário da Filosofia, área na qual dedico meus estudos como graduando, me possibilitou inúmeros aprendizados não só como futuro professor de Filosofia, bem como ser humano. Com o término desses três meses, ficou estabelecido que haveria uma continuidade para o estágio da área de Filosofia com objetivo de concluir as atividades pendentes. Nesse sentido, havendo avançado com a diagramação dos materiais foi-me proposto breves incursões em sala de aula. Acabei frequentando as aulas de Filosofia em dois momentos distintos. Dentre eles, a saber, o meu primeiro contato com a classe foi ótimo, pois como aluno da graduação pude perceber que o processo de alfabetização é primordial para a formação e capacitação desta geração vindoura. A incursão aconteceu nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente o segundo e o terceiro ano.

Nessa experiência, pude perceber o quanto a educação básica é importante, para o desenvolvimento da consciência humana e do próprio ser humano. Para que isso ocorra é necessário um extenso percurso, onde o educador deve ser plenamente capaz de desempenhar seu trabalho, o aluno se dedicar à seu processo de aprendizagem e o acompanhamento da família que deve zelar por seu bem-estar, garantir subsistência e incutir o espírito de cidadão a esta criança, com nos diz Hegel:

Os filhos têm o direito de ser sustentados e educados como patrimônio familiar comum. O direito dos pais aos serviços dos filhos, enquanto serviços, funda-se e se delimita ao que tem em comum o cuidado da família em geral. Igualmente o direito dos pais sobre o arbítrio dos filhos determina-se pelo fim de mantê-los e educá-los nas disciplinas. (HEGEL, § 174 P. 182).

Hegel prediz que cabe a família – instituição autônoma – o bem formar do espírito livre dessa criança, isto é, cabe aos pais incutirem, durante o processo de criação, os bons modos, a educação, o respeito, a moralidade, bem como o amor pela sua pátria. Ao passo que, a educação estatal, ou seja, a educação pública não fica explicitamente clara em Hegel, visto que, o estado é concebido como uma organização independente tanto quanto a sociedade civil e a família. Com isso podemos supor que o Estado para Hegel não rege a

¹ A Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia- Eseba-UFU é um colégio de aplicação desta universidade, voltada para o ensino, pesquisa e extensão, nos diversos âmbitos da educação. Também é espaço de formação inicial para estudantes dos cursos de licenciatura e de formação continuada.

forma empregada no processo de educar os seus indivíduos, mas sim a família, entretanto cada época deve ser pensada e problematizada por seus próprios pensadores.

Dessa forma, o Estado atual, juntamente com as instituições de ensino, deve fornecer uma estrutura que disponha de um padrão mínimo de comodidade para que seja possível acolher este aluno e proporcionar-lhe uma erudição digna. É preciso segurança, tanto física, para garantir a integridade desta criança durante o período de suas aulas, quanto psicológica, pois um aluno que não se sinta completamente amparado e motivado não será capaz de corresponder às orientações de ensino dos seus professores e uma diversificação no plano metodológico que vise uma exteriorização.

Dito isso, notei algumas dificuldades no processo de ensino e aprendizado durante as incursões realizadas em sala de aula como estagiário, tal como a falta de concentração discente. Nota-se que esse problema não é recente e nem tampouco as pesquisas realizadas nesta área, uma vez que há registro de estudos sobre esse tema que datam de 1902 (CALIMAN, 2010, p. 46) quando foi apresentado e explicado pela primeira vez por um pediatra inglês chamado (George Still); algo comum para essa faixa etária entre 5 e 9 anos.

Nota-se que, muitas vezes, o problema da falta de concentração por parte dos alunos perpassa pela metodologia empregada em sala, com práticas tradicionais, que não despertam o interesse do aluno. Daí a necessidade de inovar e se reinventar sempre, buscando novos caminhos, ou seja, novas formas de condução do processo pedagógico.

Metodologia se faz necessária quando as velhas formas de condução do processo pedagógico já não contribuem para o aprendizado significativo que deve garantir o ensino de qualidade; qualquer que seja a metodologia adotada, ela só será eficaz quando os problemas escolares forem objetos de reflexão, daí surgirão às possibilidades de solução dos problemas decorrentes da crise provocada pelos procedimentos ultrapassados. [...] A crise do ensino está ligada à crise da ciência, ou melhor, da imagem da ciência transmitida durante tanto tempo nas escolas, que faz do conhecimento científico algo distante da realidade escolar e alheio às expectativas dos professores e alunos (GUIDO, 2008, p.17).

Para que isso aconteça de forma natural é preciso acrescentar a ludicidade durante o despertar inicial do estudante, isso se faz sob uma perspectiva epistemológica multirreferencial que por sua vez reconhece a diversidade de possibilidades de análises e leituras de práticas educacionais em que as áreas do conhecimento, podendo dialogar buscando compreendê-las. Portanto o ensino se constitui por intermédio de uma

multirreferencialidade e, por caracterizar-se em aberturas de possibilidades de escolher, selecionar, adotar e implementar diversas linguagens desde o primeiro ano do ensino fundamental com o lúdico até pontos de vista mais complexos, sobre o que é, e o que não característica do indivíduo real.

Nesse sentido, é fundamental compreender a importância da utilização de práticas pedagógicas adequadas no âmbito educacional que contribuam com as experiências e práticas desenvolvidas em sala de aula.

Ainda sobre essa experiência, pode perceber e aprender que as palavras possuem um forte impacto sob os alunos que estão sendo alfabetizados; pois uma palavra relacionada com o contexto filosófico trabalhado em sala não pode ser incompreensível, visto que, o início da alfabetização em si, é um percurso novo e desafiador para estes estudantes, e determinadas palavras que possuem a grafia e pronúncia difíceis de serem realizadas, não devem ser apresentada aos alunos. A esse respeito Rousseau diz:

A obra-prima de uma boa educação é formar um homem razoável, e pretende-se educar uma criança pela razão! Isto é começar pelo fim, é da obra querer fazer o instrumento. Se as crianças ouvissem a razão, não precisariam ser educadas; mas, falando-se a elas desde a primeira idade numa língua que elas não entendem, estar-se-á acostumando-as a se contentarem com palavras, a controlar tudo o que lhes é dito, a se acreditarem tão sábias quanto seus mestres, a se tornarem altercadoras e rebeldes. (ROUSSEAU, 2004, p.90)

Por fim, não menos importante, a questão da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino insere-se no contexto das discussões, cada vez mais em evidência, relativas à integração de pessoas com deficiências enquanto cidadãos, com seus respectivos direitos e deveres de participação e contribuição social. A Filosofia por si só, trabalho com ideias, logo, necessário o uso da abstração, no entanto, zelamos muito por esse público e direcionamos o ensino de Filosofia utilizando de algo mais concreto para alcançá-los. Na Eseba, nosso trabalho é sempre em parceria com os estagiários e/ou bolsistas contratados para acompanhar mais de perto o aluno com necessidades educacionais especiais.

5 Considerações finais

Ao final do trabalho, os professores e estagiário finalizaram os Parâmetros Curriculares da Área de Filosofia da ESEBA-UFU, tendo encontrado êxito em sua

aplicabilidade. Foi produzida uma coleção de apostilas para auxiliar o trabalho dos professores da área. A coleção foi finalizada, não concluída. Ela passará por constantes revisões e aprimoramentos até que os autores a considerem apta para melhor contribuir na instrução das crianças e adolescentes que dela tiverem acesso. Vale ressaltar que a apostila não foi criada para sufocar o aluno ou “engessar” o trabalho do professor, inviabilizando a proposição de algo diferente do que lá já planejara anteriormente. A apostila serve como um material de apoio oportuno, visto que maximiza o trabalho do professor que possui apenas uma aula semanal com crianças que muitas vezes ainda estão no estágio de alfabetização.

Concluimos que todo esse processo foi de grande aprendizagem para os envolvidos, uma vez que obtivemos êxitos nos objetivos propostos e contribuimos para o ensino de filosofia nos primeiros anos da Educação Básica, bem como para a formação inicial de nosso estagiário, servindo de parâmetros para que mais escolas possam se inspirar no trabalho desenvolvido.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA JUNIOR, J. B. Os Eixos de organização dos conteúdos e a problematização no ensino de Filosofia. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/2719/2053>. Acesso em 10 de ago. de 2018 Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/novo-ensino-medio-entenda-reforma.htm>. Acesso em: 04 de out. 2018.

ARANHA, M. L. de A. História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2008. Filosofia: ensino médio / Coordenação, Gabriele Cornelli, Marcelo Carvalho e Márcio Danelon. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 212 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 14)

CADERNO PENSAMENTO LÓGICO. A Educação infantil. Curitiba: Editora Opet, 2005. Disponível em <www.editoraopet.com.br/noticias.asp?n_cod=65> Acesso em: agosto de 2012.

DELEUZE G. & GUATTARI F. O que é Filosofia? Trad. Bento Prado Junior e Alberto Muñoz. 3ª Edição. Coleção Trans, 2010

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

GALLO, S. Filosofia. Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos. Coleção Explorando o Ensino. v. 14. Coord. Gabriele Cornelli, Marcelo Marques e Marcio Danelon. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

GALLO, S & KOHAN, W. Filosofia no Ensino Médio. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUIDO, H. A arte de aprender: metodologia do trabalho escolar para a Educação Básica. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008

HEGEL, G.W.F. Filosofia do Direito. Tradução de Paulo Meneses, Agemir Bavaresco, Alfredo Moraes, Danilo Vaz-Curado R.M. Costa, Greice Ane Barbieri e Paulo Roberto Konzen. São Paulo: Loyola, 2º ed, 2010.

KOHAN, W. O. Filosofia. O paradoxo de aprender e ensinar. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOHAN, W. Org. Filosofia: Caminhos para seu ensino. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ROUSSEAU, J-J. Émilio, ou, da Educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 3º ed, 2004.

SHARP, A. M. A comunidade de investigação e o raciocínio crítico. São Paulo: CBFC, 1995b (Vol. 2, Coleção Pensar).

Artigo recebido em: 09.03.2020

Artigo aprovado em: 22.07.2020